



MATERNIDADE E (TRANS)FORMAÇÃO NO ENCONTRO COM A POTÊNCIA DA INFÂNCIA: REMINISCÊNCIAS, NARRATIVAS E REFLEXÕES

Maternity and (trans)formation in encountering the power of childhood: reminiscences, narratives and reflections

Graziela Ferreira de MELLO

Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil

mellograzi1@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9478-9599> 

Luciana Esmeralda OSTETTO

Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil

lucianaostetto@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-1948-5090> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Situado no quadro teórico-metodológico das abordagens (auto)biográficas, o presente artigo tematiza maternidade(s) e infância(s), partindo das narrativas de uma professora-pesquisadora que durante seu percurso acadêmico torna-se mãe. No processo do doutoramento, escrevendo seu memorial, a mãe-pesquisadora escava reminiscências de sua formação estética e, ao falar de si, de maneira incontornável reflete sobre a condição materna e o encontro (trans)formador com a força da infância, compreendida filosófica e arquetipicamente como novidade, experiência e potência. A escrita memorialística, produzida como uma parte da tese, é a base de dados para este artigo, que articula reflexivamente a singularidade da vida da doutoranda-mãe, à trama sócio-cultural: a maternidade, vivida desde o lugar social ocupado pela mãe, interroga o direito de acesso ao patrimônio cultural e artístico pelas crianças-filhas e a contribuição da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas (auto)biográficas. Histórias de vida e formação. Maternidade. Infâncias. Formação estética.

ABSTRACT

Situated within the theoretical-methodological framework of (auto)biographical approaches, this article addresses maternity(ies) and childhood(s), based on the narratives of a teacher-researcher who becomes a mother during her academic journey. In the process of her doctoral studies, while writing her memoir, the mother-researcher excavates reminiscences of her aesthetic formation and, in speaking about herself, inevitably reflects on the maternal condition and the (trans)formative encounter with the power of childhood, understood philosophically and archetypally as novelty, experience, and potency. The memoiristic writing, produced as part of the thesis, serves as the data source for this article, which reflectively connects the uniqueness of the doctoral student-mother's life to the socio-cultural fabric: becoming a mother, lived maternity from the social position occupied, which is which is also crucial for ensuring children the right to access cultural and artistic heritage.

KEYWORDS: (Auto)biographical narratives. Life stories and education. Motherhood. Childhoods. Aesthetic education.

INTRODUÇÃO: DAS REMINISCÊNCIAS PESSOAIS ÀS TRAMAS SÓCIO-CULTURAIS

[...] a memória, essa frágil bruma onde as lembranças se esfumam, se misturam, mudam, e ao fim de nossos dias descobrimos que só vivemos o que podemos evocar
Isabel Allende (2009, p. 251).

As histórias de vida e formação, evocadas por meio de atos de memória, podem dar vazão a narrativas que revelam aspectos singulares da pessoa que narra, assim como permitem reconhecer os contextos que forjaram as histórias e a pessoa, ou seja, exibem uma dimensão social, que vai além de uma narrativa fechada em si mesma, que diz de uma existência particular apenas. No movimento de caminhar para si (Josso, 2004), rememorando e narrando um percurso vivido, o narrador também deixa-nos vislumbrar a sociedade - os tempos, os espaços e as relações que conformam uma época. Por isso, dizemos que as narrativas (auto)biográficas congregam um caráter singular-plural, uma natureza relacional, como argumenta o sociólogo italiano Franco Ferrarotti (2014). Em suas palavras:

Cada narração de um ato ou de uma vida é, por sua vez, a totalização sintética de experiências vividas e de uma interação social. Uma narrativa biográfica é inteiramente distinta de um registro de ocorrência; é uma ação social através da qual um indivíduo retotaliza sinteticamente sua vida (a biografia) [...] por meio de uma narrativa-interação. A narrativa biográfica conta uma vida? Diremos, mais precisamente, que ela conta uma interação presente por intermédio de uma vida. (Ferrarotti, 2014, p. 73).

Nas pesquisas em educação, vem crescendo a perspectiva teórico-metodológica desenhada pelas abordagens (auto)biográficas, cujo interesse recai na escuta e interpretação sobre a “[...] maneira com a qual os indivíduos dão uma forma às suas experiências, com a qual eles comunicam as situações e os eventos de suas existências, com a qual eles inscrevem o curso de suas vidas no seu ambiente histórico e social” (Delory-Momberger, 2008, p. 93). Nestas abordagens, é o sujeito que ganha destaque, todavia sempre referenciado em um contexto sócio-econômico-histórico-cultural: ao falar de si, articulando passado e presente, temas são revelados, questões são formuladas e visibilizadas na existencialidade histórica.

Tal compreensão vem sendo adotada na fundamentação e na prática de investigação do círculo de pesquisa do qual fazemos parte. Considerando que narrar-se é uma ação formadora, pois a reflexão sobre a experiência de vida desencadeia uma aprendizagem biográfica, produzindo conhecimento de si e, potencialmente, apontando perspectivas para a resignificação da vida, um dos dispositivos adotados é o memorial

de formação, o ponto de partida e a alavanca para escrever e desenvolver os projetos de pesquisa - seja no âmbito da graduação (monografias de conclusão de curso), seja no âmbito da pós-graduação (dissertações e teses). Como definido por uma das maiores pesquisadoras brasileiras do campo (auto)biográfico:

O memorial como escrita de si é primeiramente uma ação de linguagem. Se a escrita não pode modificar os fatos vividos, ela pode modificar sua interpretação. Ao simbolizá-los de outra maneira, modificamos a consciência que temos dos fatos, de nós mesmos e de nossa ação no mundo (Passeggi, 2010, n/p).

O memorial de formação, a partir das referências de Passeggi (2010), ganham feições próprias nas investigações de nosso círculo de pesquisa, pois se ocupam de uma específica dimensão do percurso formativo: a dimensão estética. Nesta direção, o conhecido dispositivo empregado na pesquisa de cariz (auto)biográfico recebe a denominação de *memorial de formação estética*, indicando a centralidade da reflexão sobre os percursos de formação da sensibilidade daquele que narra. A formação estética, tal como apontada por Galeffi (2007), situa-se para além dos conteúdos da cultura artística pois trata-se de, como aponta na mesma direção Ostetto (2019, p. 61), “processos de percepção, de imaginação, de interpretação, no mundo e com o mundo, por meio dos quais a sensibilidade é alargada”. Assim, no percurso das investigações realizadas no grupo de pesquisa do qual participamos, propõe-se interpelar a memória sobre como, onde, com quem, ao longo da vida, as sensações e percepções do pesquisador/da pesquisadora são/foram afetadas, seja em sua ampliação e refinamento, seja em sua interdição ou limitação.

Tendo por referência esse quadro teórico-metodológico, o presente manuscrito tematiza maternidade(s) e infância(s), por meio de narrativas de uma professora-pesquisadora-mãe (e uma de suas autoras) que, ao se embrenhar pelas trilhas das reminiscências de sua formação estética, ao tecer o memorial que integra sua pesquisa de doutorado, evidencia a inter-relação de acontecimentos que ocorreram em um passado distante, na sua infância, com o que vem ocorrendo na idade adulta, desde um fato decisivo: tornar-se mãe na relação com a infância de sua filha. Ao falar de si, permite-nos refletir sobre a condição materna, sua (trans)formação no encontro com a potência da infância, compreendida filosoficamente e que, nas palavras poéticas de Noguera (2017, p. 365): “é a experiência de percorrer caminhos”; esses caminhos da infância, diz o mesmo autor em outro artigo, são

[...]percebidos por sentidos potentes que enxergam, ouvem, tateiam, saboreiam e percebem odores que não estão disponíveis ordinariamente. Portanto, cabe aqui afirmar que infanciar é tomar a infância como experiência, ou ainda, um tipo

O filósofo e professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro nos inspira a pensar que, ao nos mantermos infancializados, ao nos relacionarmos com o mundo cultivando os sentidos e a energia criativa, lembrando-nos de nosso tempo de criança, reavivamos dentro de nosso ser todas essas potências. E isso é da maior importância, sobretudo no campo da docência. É nessa direção que as narrativas (auto)biográficas desencadeiam um processo de formação e autoformação de quem narra (de professoras, no caso da pesquisa que dá origem ao presente texto).

Falar de si, rememorando e refletindo sobre as experiências formativas vividas nos tempos de meninice, constitui campo fértil para entrarmos em contato com a criança que outrora fomos, e aquela que ainda nos acompanha e, diríamos, precisa ser reconhecida, para que possa ser cuidada. Uma criança simbólica, arquetípica, tal qual evoca Jung (1998, p. 175): “No adulto está oculta uma criança, uma criança eterna, algo ainda em formação e que jamais estará terminado, algo que precisará de cuidado permanente, de atenção e de educação.”. O autor suíço, fundador da psicologia analítica, reconhecia a existência mitológica da criança em várias culturas e ponderou que o arquétipo da criança “[...] não representa apenas algo que existiu no passado longínquo, mas também algo presente; não é somente um vestígio, mas um sistema que funciona ainda, destinado a compensar ou corrigir as unilateralidades ou extravagâncias inevitáveis da consciência” (Jung, 2000, p. 163). As ideias do filósofo, sobre a infância como experiência e a necessidade de *infancializar* a vida, articula-se muito bem com as proposições junguianas e, por essas vias, compreendemos que infancializar passa pela rememoração, pela reconexão, pelo exercício adulto de ruptura com o primado da razão, um dos alicerces da adultez, que separa o que só pode ser compreendido em unidade: razão e sensibilidade, imaginar e fazer, aprender a tradição e criar.

Puxar os fios da memória e com eles tecer uma escrita localizando acontecimentos, experiências e relações que contribuíram para constituição de nossas sensibilidades, vai além de ordenar cronologicamente o que se passou, o que nos aconteceu, o que atravessou nossas existências encadeando fatos que nos levaram a ser quem somos. Rememorar os percursos pode nos mostrar outros ângulos para ler e sentir o mundo que habitamos. No presente caso, ao trazermos as narrativas de uma professora-pesquisadora que durante seu percurso acadêmico torna-se mãe de uma menina, intencionamos não apenas partilhar um processo singular, mas inseri-lo na

trama sócio-cultural, retratando modos próprios de conceber a maternidade e modos de garantir o direito das crianças à cultura.

COM O NASCIMENTO DE UMA FILHA, VER-SE CRIANÇA, TORNAR-SE MÃE

Se é indiscutível que uma criança não pode sobreviver e desenvolver-se sem uma atenção e cuidados maternos, não é certo que todas as mães humanas sejam predestinadas a oferecer-lhe esse amor de que ela necessita. Não parece existir nenhuma harmonia preestabelecida nem interação necessária entre as exigências da criança e as respostas da mãe. Nesse domínio, cada mulher é um caso particular (Badinter, 1985, p. 17).

Tal qual a infância, a maternidade não podem ser pensadas de maneira universal, como se existisse apenas um modo de ser criança e de ser mãe. Em seus estudos, Elisabeth Badinter (1985), retomando questionamentos sobre o instinto materno, formulados por Simone de Beauvoir, pondera que “a boa mãe é uma realidade entre outras” e que há “diferentes faces da maternidade”. Sua extensa pesquisa a respeito do tema, percorrendo a história da família ocidental, ajuda-nos a compreender que não há uma atitude materna natural e ideal, que o modo de viver a maternidade e de relacionar-se com os filhos está irremediavelmente associado a valores socioculturais: “É em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho” (Badinter, 1985, p. 25). Diferentes fatores, como as condições materiais da existência, atrelados a um contexto histórico, cultural e econômico, determinam formas de conceber, sentir e viver a maternidade. Na procura por desvelar uma história das condutas maternas, a autora analisa que “o instinto materno é um mito”. Em suas palavras:

Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações. [...] Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. (Badinter, 1985, p. 365).

Neste quadro compreensivo é que sinalizamos, de antemão, que as narrativas aqui tomadas como dados de pesquisa dão a conhecer uma conduta materna referenciada no lugar social que funda a maternidade de uma professora-pesquisadora-mãe, em sua singularidade - mulher branca, casada, com casa própria, com rede de apoio parental, inserida no mercado de trabalho por meio de concurso público, moradora de uma cidade situada na região metropolitana do Rio de Janeiro, que oferece considerável acesso aos bens culturais. Entretanto, na perspectiva singular-plural de uma história de vida, as narrativas permitem projetar questões que extrapolam essa

condição particular, como, por exemplo, pensar o direito das crianças à arte e ao patrimônio histórico-cultural.

Tendo em conta a centralidade das vozes enunciantes de histórias de vida, em confluência com a perspectiva teórico-metodológica que adotamos, destacamos do referido memorial de formação estética excertos que tematizam os aspectos em pauta, que são apresentados e retomados em diálogo. Cada trecho narrativo aparece com sua frase inicial em destaque, como a anunciar o enredo.

O nascimento da minha filha, os momentos partilhados com ela, por vezes são disparadores de memórias: com a infância dela reconheço a minha, faço ligações entre presente e passado. Ela me convoca a ser inteira, corpo e coração presentes nas experiências que vivemos juntas. Minha filha me convida a conhecer o mundo pela segunda vez, com olhos de adulta que busca encantar-se como uma criança. As experiências sensíveis que vivo com ela, me fazem reafirmar a vida, me convidam a romper com a indiferença, elas penetram em meu corpo através do toque, dos sons, dos cheiros e gostos. São as experiências sensíveis que deixaram uma marca em mim que revisito quando estou com ela, sendo afetada em todos os sentidos e convidada a reinventar minha própria existência. (Graziela Mello. Trecho do memorial de formação estética, 2025).

A maternidade me atravessou como um rio de águas, ora calmas, ora tempestuosas. Os momentos e experiências que tenho vivido com minha filha me deslocam, misturando tempos e cenas. Em um instante estou lá, como mãe, compartilhando com minha filha aquele momento irrepetível; no instante seguinte aparecem na minha frente, quase como um filme, imagens de um momento semelhante que também experienciei na infância. Sinto as sensações do vivido voltarem ao meu corpo e penso no quanto elas foram importantes para me formar como pessoa e profissional. Um banho de rio, uma caminhada no meio da natureza, colher rabanetes, experimentar tomatinhos em miniatura recém tirados por pequenas mãozinhas do pé. Descobrir sapos escondidos em vasos de plantas. Observar diferentes tipos de pássaros andando e voando. Andar pelo campo e deixar os sentidos atentos aos sons e cheiros, deixar-se surpreender com a música vinda de um bambuzal. Dar um tempo ao olho para passear pelas matizes pintadas no céu das montanhas pelo pôr do sol. Descobrir que flores podem ser lindas e também comestíveis. Deixar o olho passear pelas cores e texturas das plantas do caminho. Toda essa experiência, de me (re)conectar e (re)ligar com o ambiente, deve-se à atitude de abertura e entrega a outro tempo. (Graziela Mello. Trecho do memorial de formação estética, 2025).

O nascimento de um filho impõe a qualquer mulher uma nova condição, afetada tanto pelas mudanças hormonais, quanto pelas exigências de um duplo cuidado que se anuncia como vital: o cuidado com o seu corpo físico e emocional, e o cuidado com a criança. Esses fatores podem ser mais ou menos impactantes, conforme o contexto em que está inserida, pois a maternidade pode ser um peso ou uma bênção, a depender não apenas de condições materiais, mas de envolvimento afetivo e presença, seja de um companheiro, seja da família ou grupo parental.

As narrativas da mulher-doutoranda-mãe apontam para uma maternidade apoiada, pois vislumbra-se que ela pode relacionar-se empaticamente, dedicando-se à criança; a partir do nascimento e em todo o ciclo de desenvolvimento, ela vive e reflete

sobre os sentidos de ser mãe, refinando sua escuta sensível, implicada, olhando para a menina e voltando-se para si, como reflexo. Como ela escreve, sua filha a convida para “conhecer o mundo pela segunda vez”. É aqui que se afigura a potência da infância, simbolicamente visibilizada como caminho de experiência, que sinaliza a necessidade de *infancializar* a vida (Noguera, 2017): os olhos abrem-se à novidade do mundo trazida pela criança recém-nascida, que vai crescendo e chamando a adulta a experiências sensíveis. Essa possibilidade de viver a maternidade com amparo e continente afetivo, garantida também pelas condições econômicas, sociais, mas também psicológicas, levam-na a reafirmar a vida, “a romper com a indiferença”, deixando-se atravessar, na existência concreta, pelo toque, pelos sons, pelos cheiros e pelos gostos que vão partilhando.

É pelo/no corpo que a relação se materializa. Testemunhamos uma maternidade vivida como espaço-tempo que permite à mulher se “(re)conectar e (re)ligar com o ambiente”, condição que só pode ser experimentada com o cultivo de uma “atitude de abertura e entrega a outro tempo”, o que supõe apoio afetivo, psíquico, cultural e econômico.

Como a rememoração/reflexão da maternidade não era objetivo do memorial de formação estética produzido, cabe pontuar que, provavelmente, outras dimensões da condição materna foram vividas pela narradora. Como força vital e decisiva para o percurso da mãe-doutoranda, a maternidade foi tematizada e, como diz a conhecida canção, “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. Certamente, muitas foram as dores do processo de tornar-se mãe, mas como não foram registradas, não podemos problematizá-las.

NO ATRAVESSAMENTO DA MATERNIDADE: PROVOCAÇÕES, CONVITES À FRUIÇÃO E DEFESA DO DIREITO À CULTURA

Dar espaço para a surpresa, o encantamento. A maternidade tem me provocado a fazer esse exercício. A maternidade me atravessa e me faz repensar a minha formação estética o tempo todo. Me faz pensar também na formação estética/sensível artística/cultural de um ser cuja formação como um ser humano em sua totalidade é de minha inteira responsabilidade. Hoje com 3 anos de idade, minha pequena já frequenta a Educação Infantil, compartilho com a escola sua educação e isso me motiva ainda mais a pensar na formação das professoras que irão atuar nesta primeira etapa da Educação Básica. Fico pensando: será que vão levar a menina e sua turma para praças, parques, museus e galerias de arte, para espetáculos de dança, música e teatro? A arte estará presente nas propostas pedagógicas? Seu repertório artístico-cultural vai se ampliar, além da família? Pensar nessas possibilidades me faz pensar na formação estética docente (Graziela Mello. Trecho do memorial de formação estética, 2025).

A maternidade me trouxe a necessidade de estar em contato quase que diário com a música. Uma linguagem artística tão pouco explorada por mim, mas que

tem preenchido minha casa de cor e ritmo. Na infância sempre tinha um disco na vitrola a tocar. Na casa de meus avós paternos, vovô ostentava um lindo gramofone e um piano na sala de jantar. Era sempre especial ouvir as músicas clássicas, que vovó Jairo amava colocar pra gente apreciar, em seu gramofone. Cada adulto que me rodeava imprimia um pouco de seu gosto musical nas vitrolas e nos tocadores de cds presentes nas salas de casa, eles e as trilhas de novela moldaram muito do que fui constituindo como meu repertório. Refletir sobre como ir além dos conteúdos de música infantil presentes nos streamings de música, dando espaço para músicas de MPB, de nomes como Tim Maia, Ney Matogrosso, Gilberto Gil e Bethânia, tem sido uma constante. Seja na sala de casa, no carro, no caminho de ida e volta da escola ou na cozinha enquanto fazemos mais uma receita juntas, sons, ritmos, melodias se entrecruzam com aromas, sabores e paisagens (Graziela Mello. Trecho do memorial de formação estética, 2025).

Ser mãe também mudou minha relação com o teatro. Em minha trajetória de formação como pessoa e profissional, identifico alguns poucos momentos de contato com o teatro. Entretanto, na fase adulta, pouco frequentei teatros, principalmente devido ao valor elevado de seus ingressos. Durante a graduação em Arte, me recordei de ter ido assistir pouquíssimas peças teatrais, até depois de formada, já como professora da rede pública, também foram poucos esses momentos. Curiosamente, isso mudou agora, sendo mãe de uma linda e esperta menina: eu descobri que no SESC de São Gonçalo, cidade onde eu moro, temos sessões de teatro para crianças todos os domingos, de graça, ou a um preço acessível (por vezes, cinco reais a entrada). Pensando na formação estética, artística e cultural da minha filha, pelo menos uma vez por mês vamos com ela assistir a um espetáculo. Enquanto escrevo a tese, assistimos a muitas apresentações teatrais: peças musicais, espetáculos com elementos circenses, contação de histórias e danças populares do nosso Brasil. Em cada um desses momentos, meu olhar era compartilhado entre o que acontecia no palco e as emoções que atravessavam o corpo da criança que estava em meu colo. Em alguns momentos compartilhamos o brilho no olhar, o assombro, as risadas. Muitos sentimentos invadiam o meu corpo, me provocavam. Meu corpo já estava acostumado a transitar por exposições de arte, mas retomar esse gosto pelo teatro, impulsionada pela condição materna, suscitou outras reflexões (Graziela Mello. Trecho do memorial de formação estética, 2025).

As narrativas compartilhadas neste tópico revelam aspectos de um modo de pensar-e-ser-mãe: a narradora, inserida no campo de conhecimento da arte, tendo formação em artes visuais, atuando como professora de arte e pesquisando a formação estética de professoras das infâncias, considera importante a formação estética, artística e cultural da sua filha, mas foi apenas no ato de rememorar processos de sua vida pregressa, e narrá-los, que pode refletir sobre o duplo significado de seus desejos traduzidos na ação de nutrir esteticamente a menina. Pela reflexividade biográfica (Delory-Momberger, 2008), a professora-mãe deu-se conta, também, que ao oferecer oportunidades à filha de contato com a arte e de visitar espaços culturais mais amiúde, ampliava o seu próprio repertório artístico e cultural.

O acesso a bens culturais está pautado como direito fundamental já na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, que traz em seu artigo 27: “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.” (ONU, 1948, p. 27). No âmbito nacional, o direito à cultura está inscrito na

Constituição Federal de 1988, que é um importante marco na defesa dos direitos sociais de brasileiros e brasileiras a partir do qual, de forma inédita, as crianças foram reconhecidas como cidadãs. Especificamente no seu artigo 215, trata do direito à cultura: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (Brasil, 1988).

Interessa destacar, dos preceitos constitucionais, o artigo 227, no qual testemunhamos a proclamação dos direitos de crianças e adolescentes, que devem ser assegurados com “absoluta prioridade”:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, **à cultura**, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988, grifo nosso).

Lembremos que, em decorrência, e como afirmação dos direitos inscritos constitucionalmente, foi aprovado o Estatuto da criança e do adolescente - ECA (Brasil, 1990), um importante documento que reflete concepções renovadas de cidadania e projeta o compromisso legal que deve ser traduzido em políticas públicas. A determinação legal representa um avanço. Todavia, compreender a cultura como direito implica entendê-la como objeto de planejamento, decisão e ação política, de modo a assegurar a todo cidadão o acesso democrático aos bens culturais, também como perspectiva de justiça e equidade social (Fernandes, 2010).

No caso da experiência evidenciada, as narrativas memorialísticas compartilhadas neste tópico não trazem informações explícitas sobre espaços e/ou projetos artístico-culturais de caráter público, oferecidos às infâncias no território em que a experiência da maternidade é vivida. Todavia, conhecendo a cidade, podemos dizer que São Gonçalo apresenta raríssimas oportunidades de fruição artístico-cultural para as crianças. Apesar de contar com um teatro municipal, as iniciativas de eventos ao público infantil neste espaço são pouquíssimas e, quando são abertas suas portas, os espetáculos são pagos e de difícil acesso à população em geral. Quanto à música, há recorrente prática de organização de shows com personagens da indústria cultural e músicas “infantis” da moda, que ocorrem em espaços privados, como em shoppings, o que não se configura como uma proposta que respeite as necessidades e especificidades das crianças: são feitos em espaços sem o devido cuidado, como a praça de alimentação do shopping o que não oferece segurança nem boa acessibilidade para o público infantil.

Os espaços que consideramos disponíveis para serem frequentados pelas crianças da cidade, são as praças de alguns bairros.

Analisando esse cenário, percebemos que não há um movimento por parte do poder público local de propiciar às crianças do município momentos de contato com diferentes linguagens artístico-culturais seja nos equipamentos culturais existentes, seja em outros locais públicos da cidade. Foi por iniciativa própria, justo por considerar um aspecto importante na criação de sua filha, por ser um valor agregado ao seu modo de vida, que começou a frequentar o SESC de São Gonçalo, referenciado como um equipamento que oferece oportunidades de acesso à cultura e à arte, com propostas voltadas especificamente às crianças, como sessões de teatro.

Nesta direção interpretativa, nota-se nos relatos, predominantemente, movimentos da família em propiciar momentos de contato e experiência da criança com o patrimônio cultural, visando alargar suas referências artísticas, nutrindo sua sensibilidade. Em 2025, há um fato novo relatado: a filha, então com 3 anos de idade, já frequentava a Educação Infantil. Essa situação provoca na mãe-narradora, e professora-formadora de professoras, reflexões sobre as propostas que seriam, ou não, oferecidas à menina, no projeto pedagógico da instituição de Educação Infantil, no campo artístico-cultural (a narrativa não indica se a filha frequenta uma instituição pública ou privada).

A preocupação da mãe leva-nos às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (Brasil, 2009), nas quais estão definidos princípios, entre os quais estão os princípios “[...]Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais”(Brasil, 2009, p. 2). A dar sustentação a tais princípios, desde a orientação de que as propostas pedagógicas devem assumir como eixos estruturantes as interações e brincadeiras, as referidas DCNEI recomendam que as propostas “[...] promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; [...]” (Brasil, 2009, p. 4).

A legislação não deixa dúvidas, quando explicita que as propostas pedagógicas para a Educação Infantil devem possibilitar o contato com as manifestações artístico-culturais em sua diversidade de linguagens. Pelo texto legal, a mãe poderia ficar tranquila, sua filha teria acesso a propostas que contribuem para a ampliação de seu repertório e sensibilidade estética. Mas, o efeito de diretrizes legais não é diretamente “aplicáveis”, não são transpostos para a prática educativo-pedagógica pela força

mandatória do documento. No artigo “Sobre a organização curricular da Educação Infantil: conversas com professoras a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais” (Ostetto, 2017), a autora pondera que

[...] um decreto, uma norma, um documento, por sua mera existência não muda práticas, nem as qualifica. O que faz a mudança é a compreensão da sua importância, o sentido traduzido para a prática em forma de apoio, é a necessidade e o desejo daqueles que fazem a Educação Infantil acontecer, todo o dia, mês a mês, ano após ano. A localização da falta, a visibilidade da necessidade é que faz mover a busca, é que faz um documento tornar-se vivo, em movimento, junto com os saberes e fazeres dos professores e de todos os profissionais [...] (Ostetto, 2017, p. 53).

Para a discussão que estamos tecendo, lembramos de um importante interveniente, que a narrativa da mãe-pesquisadora aponta, ainda que de relance: a formação estética docente. Estamos de acordo: o profissional da Educação Infantil tem o papel decisivo de mediador cultural, tal como expõe a pesquisadora portuguesa:

[O professor é] mediador de culturas: as da infância, as culturas próprias de cada comunidade e aquelas acumuladas pelo desenvolvimento humano nas ciências, nas artes, nas humanidades e nos quotidianos. Este papel de mediador cultural implica que a formação se constitua como um espaço de enriquecimento cultural forte, e que os futuros estudantes se assumam enquanto cidadãos na sua formação e também na sua profissão (futura)” (Folque, 2018, p. 44).

Já sabemos do importante papel da escola e da Educação Infantil para a formação das novas gerações, em todos os âmbitos. Deste modo, as palavras da autora fecham o tópico, mas sinalizam a necessária continuidade da discussão.

QUAL O TERRITÓRIO DA FORMAÇÃO ESTÉTICA?

Vejo minha filha olhando com olhos curiosos para a água que cai do céu em nosso quintal. É janeiro de 2025. Um dia com aquela chuva típica de verão. Ofereço-lhe ir até à água e tomar um banho de chuva. Quando estou ali observando minha pequena tomando seu banho de chuva, sou mais uma vez inundada por lembranças da criança que outrora fui, que não tinha um quintal. Fui uma criança de apartamento. Cotidianamente, o contato com o mundo externo se dava somente pela janela. Janelas cheias de grades. Oportunidades em que saíamos de casa, eram ansiosamente aguardadas. Passeios na cidade, passeio em visitas a familiares. Nos verões da minha infância, era com um visitar meu tio, em Squarema e passar uns dias em sua casa. Lembro do banho de chuva, em um desses verões, no quintal de meu tio. Na fotografia que registrou o momento, reconheço a criança loira, desnuda, sentindo as gotas geladas da chuva de verão, riso frouxo e pulinhos de alegria. Sem medo algum - de pegar um resfriado, de cair no chão ou de qualquer coisa. Era só uma criança a experimentar o mundo (Graziela Mello. Trecho do memorial de formação estética, 2025).

Banhar-se em um rio ou cachoeira. Minha filha, com pouco mais de um ano, ainda não tinha vivido essa experiência. Em 2023, estávamos em uma chácara, cortada por um riacho, em Friburgo comemorando o aniversário de minha mãe. Foi ali, naquele riacho, que ela experimentou a sensação do contato com a água gelada, o fundo arenoso embaixo dos nossos pés, as pedras cheias de lodo. Na minha mente ecoaram as palavras do menino Manoel [de Barros] que dizia escutar o perfume dos rios, que sabia que a voz das águas tem sotaque de azul. Será que

minha filha sentia o perfume dos rios? Porque eu sentia! Estava a ouvir o sotaque azul do riacho. Ali, presenciando mais uma primeira vez de minha menina, um fio foi puxado em minha mente. Lembrei das tantas vezes que minha mãe nos levou às inúmeras cachoeiras da pequena cidade de Tombos, interior de Minas Gerais. Hoje, estar nas águas doces de uma cachoeira me energiza, a água gelada em contato com minha pele me faz sentir inteira; ela lembra meu corpo que ele é feito de água, que ele é rio, por vezes flui calmo, enquanto em outros momentos é tromba d'água que desloca e reconfigura tudo por onde suas águas passam. E foi através da maternidade que me senti rio, como na obra de Daiara Tukano¹ - Selva Mãe do Rio Menino² -, a qual, ela narra, expressa como ela se sentia: as águas passando por seu corpo e transbordando em forma de leite, enquanto amamentava seu filho. Pensando nas inúmeras vezes que amamentei minha filha, esse sentimento ganhou vida em mim: ser nascente de água que brota do chão, percorre seu caminho nutrindo, gerando e mantendo a vida. (Graziela Mello. Trecho do memorial de formação estética, 2025).

As narrativas permitem-nos apreender que a formação estética não se dá somente em espaços culturais e de arte, mas também no contato com espaços de natureza, como praias, parques, praças, cachoeiras etc. Muitas pesquisas vêm tematizando essa questão (a exemplo, Silva, 2017; Mello, 2021; Pinto, 2023 e Gomes, 2023).

Na pesquisa de Silva (2017), a autora ouviu professoras das infâncias, em busca de identificar caminhos, relações, tempos e espaços que consideram ter contribuído para a constituição de sua sensibilidade estética. Por meio de atos de rememoração e reflexão biográfica, foram compartilhados itinerários de formação estética das professoras participantes da pesquisa que indicaram uma forte experiência com a natureza, sobretudo na infância, nas relações com familiares, como marcas de cultivo de sua sensibilidade. As narrativas (a)colhidas permitiram perceber

[...] que a formação do gosto, a apreciação da arte e do fazer artístico, a ampliação dos sentidos, não foram propiciadas pela escola, mas fertilizadas na natureza, marcadamente na infância, com a família; o olhar que vai passear no museu e instituições culturais, experimentado em tempos-espaços de formação continuada e na relação profissional, é igualmente uma marca nos percursos em diálogo (Silva, 2017, p. 8).

Em sua investigação, Mello (2021) ouviu a narrativa de quatro professoras que cresceram na mesma cidade, falando sobre os espaços da cidade que elas consideravam que haviam contribuído para sua formação estética. Nessas conversas aparecem como locais de formação estética não só museus e cinemas, como também clubes, parques e praias da cidade, confirmando a direção já apontada por Silva (2017). Com o objetivo de “mapear experiências de professoras da Educação Infantil pública do município de Niterói, que aproximam crianças e natureza, no contexto da pandemia de covid-19, a

¹ Fala completa da artista em: [Daiara Tukano](#)

² Obra: Selva Mãe do Rio Menino, de autoria da artista Daiara Tukano. Para ver a obra acesse: <https://arteforadomuseu.com.br/selva-mae-do-rio-menino/>

partir de suas narrativas” (Pinto, 2023, p. 15), a pesquisadora (a)colheu narrativas de docentes sobre a Pandemia de covid-19, sobre como garantiram a relação (sua e entre as crianças) com a natureza, compreendendo como esse contato é fundamental também como uma das vias para cultivar a formação estética.

A periferia da Zona Leste de São Paulo é apresentada como espaço de formação estética, na pesquisa de Gomes (2023). Assumindo o caminhar como metodologia e como ato estético em si, a autora compõe um inventário de andanças por esse espaço e nos apresenta um percurso de formação estética, revelando movimentos que foram lhe constituindo como educadora. Ela fala de diferentes espaços que, localizados na periferia, podem não aparecer como constituídos de potencialidades formativas, cultural e artisticamente, mas que são, ao contrário, concebidos como “território educativo-cultural”. Em suas palavras:

Um território que pode contribuir para um projeto de formação estética docente, quando compreendemos a formação como relação: relação de cada docente consigo, com os outros, com o mundo. Uma relação que se faz passo a passo, no deslocamento: caminhando - com sentidos abertos, para desabituar olhares e criar oportunidade para diferentes encontros; caminhando - para ativar sentidos, descobrir e contemplar belezas que (re)existem nas brechas da periferia (Gomes, 2023, p. 8).

No diálogo estabelecido com as pesquisadoras citadas, corroboramos a compreensão de que a formação estética, de adultos e crianças, de mães e filhos, de educadores e educandos, não acontece apenas com visitas a museus, frequência a espetáculos de teatro ou dança; quer dizer, não está restrita ao campo das artes e da cultura, mas pode acontecer e/ou ser cultivada em diferentes locais.

Há tempos, na Educação Infantil, defende-se o espaço como um outro educador (Gandini, 1999). Movimentar-se por diferentes espaços, seja no campo ou na cidade, pelas ruas, parques e praças, seja na praia, na serra, pelos rios e cachoeiras, é um direito e a oportunidade de aguçar os sentidos, educando a sensibilidade: reconhecendo texturas, cheiros, sons, sabores, sensações táteis e capturando suas belezas. A experiência de envolver-se com paisagens distintas, movendo-se por territórios diversos, pode constituir uma experiência brincante, de entrega, de corpo inteiro. Essa perspectiva aponta para a multidimensionalidade da formação estética.

Todavia, esses movimentos não estão pautados nos currículos de Pedagogia, responsáveis pela formação docente para as infâncias. Há tempos vem sendo sinalizada essa fragilidade (Martins; Lombardi, 2015; Momoli; Egas, 2015; Ostetto; Silva, 2018, entre outros). Mais uma vez, a narrativa tecida no terreno de uma experiência particular - uma mãe-pesquisadora -, espraia-se como um mapeamento de questões que podem

ser estudadas e enfrentadas. Neste específico aspecto descortinado, a formação estética docente, deixamos aqui apenas sublinhado um ponto do mapa, sem, contudo, persegui-lo. Mas, não se pode deixar de ponderar que a preocupação da mãe, quanto ao oferecimento de oportunidades de nutrição estética na Educação Infantil frequentada por sua filha, é legítima e tem um lastro de razão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como escreveu Badinter (1985, p. 17): no domínio da condição materna “cada mulher é um caso particular”. As narrativas que compartilhamos e com as quais tecemos diálogo, confirmam o enunciado da autora. Se o tornar-se mãe provoca mudanças radicais e inegáveis em qualquer corpo feminino, fazer-se mãe e viver a maternidade implica outras tantas mudanças, que serão vividas também pelos limites e possibilidades advindos do contexto mais amplo em que se situa o processo. As histórias de vida e formação que tomamos em análise, deixam-nos conhecer o caso particular de uma pesquisadora-mãe que, envolvida com a produção de seu memorial de formação estética, como uma atividade acadêmica do seu doutoramento, ou seja, no âmbito da vida pública, revela modos de ser mãe, transparecendo aspectos da vida privada e como uma e outra se atravessam, configurando a existência.

Pelas vias narrativas e (auto)biográficas pudemos acompanhar uma mãe entregue às pequenezas do dia a dia, aberta para receber a criança que chegou ao mundo anunciando a mudança, uma mãe que pode se dedicar à menina. As condições sociais, culturais, econômicas do seu entorno, o continente afetivo parental, permitiram-lhe envolver-se, escutar, observar, olhar e reconhecer os modos próprios de ser criança. O mundo lhe era apresentado pela segunda vez: com a filha como guiado-sensível, pode “infancializar” a vida, enquanto vivia a maternidade-em-relação. A maneira como a menina respondia aos sentidos do mundo fez a mãe puxar fios da memória, e entre a lembrança de um acontecimento e outro, teve seus sentidos provocados: gostos, aromas, sons, sensações e sentimentos de diferentes ordens, por vezes esquecidos, foram voltando a sua consciência, se desvelando sob seus olhos, esparramando pelo seu corpo inteiro.

Nas narrativas de formação estética da professora-pesquisadora-mãe conjugadas neste artigo, há visivelmente um processo de ir e vir da memória atravessado por múltiplas dimensões - passado e presente, individual e coletivo, privado e público -, em uma dinâmica própria das pesquisas de caráter (auto)biográfico. De tal modo, é a

escrita da memória que nos permite perceber questões que ultrapassam o campo pessoal e transpõem-se ao âmbito social na qual a narradora está inserida. Na pluralidade que constitui o real, como síntese de múltiplas determinações, as reflexões desencadeadas da narrativa de vida de uma mãe apontam para a falta de políticas públicas voltadas para a formação artístico-cultural das crianças que residem na cidade fluminense de São Gonçalo, sendo deixada a cargo das famílias promover, com recursos próprios, essa formação. Ou seja, o direito das crianças à cultura não é garantido. Da mesma forma, essas narrativas lançam luz sobre a importância da formação dos professores e professoras que atuam na Educação Infantil, destacando seu papel fundamental como mediadores da formação estética, artístico-cultural das crianças.

Possa a partilha e discussão desses aspectos permitir que muitas mães-professoras-pesquisadoras se reconheçam e, quiçá, possam contribuir para se cultivar, na esperança ativa, processos mais gentis e acolhedores às questões que atravessam a maternidade e a vida das crianças, em sua complexidade, e diferença, socio-política-existencial.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. **A soma dos dias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL. **Constituição Federal**, 1988. Disponível em: http://portal.iphlan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_215.pdf#:~:text=Art.%20215.%20O%20Estado%20garantir%C3%A1%20a%20todos,valoriza%C3%A7%C3%A3o%20e%20a%20difus%C3%A3o%20das%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf. Acesso em: 24 mar. 2026.

BRASIL. Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009 - Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB 5/2009. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

FERNANDES, Natália Morato. A cultura como direito: reflexões acerca da cidadania cultural. **Latitude**, vol. 4, n. 1, p. 33-53, 2010. DOI: <https://doi.org/10.28998/2179-5428.20100104>

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida**: o método biográfico nas Ciências Sociais. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FOLQUE, Maria Assunção. A formação de educadores de infância: da exigência e complexidade da profissão ao projeto de formação na UniverCidade de Évora. **Poiésis**, Unisul, Tubarão, v.12, n. 21, p. 32-56, jan./jun. 2018.

GALEFFI, Dante. Educação estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 77, p. 97-111, jun. 2007.

GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: EDWARDS, Carolyn et al. (Orgs). **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 145-158.

GOMES, Laís Vilela. **Caminhar é encontrar**: inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana. 2023. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/32531>

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo. Cortez, 2004.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARTINS, Mirian Celeste; LOMBARDI, Lúcia Maria Salgado dos Santos. A arte na pedagogia e a formação do professor para educação infantil e anos iniciais: inquietações e esperanças. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 23-36, maio/ago. 2015.

MELLO, Graziela Ferreira de. **No álbum da memória**: a cidade, a infância de professoras e a formação estética. 2021. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/23774>

MELLO, Graziela Ferreira de. **Memorial de Formação estética**. 2025 (não publicado).

MOMOLI, Daniel; EGAS, Olga. A dimensão estética na formação dos pedagogos. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 59-74, maio/ago. 2015.

NOGUERA, Renato. "Kiriku: heterônimo da infância como experiência e da experiência da infância" In: **Anais do Congresso de Estudos da Infância**. Rio de Janeiro, 2017, p. 363-370.

NOGUERA, Renato. Infancialização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. **Child.philo** vol.14 n.31 Rio de Janeiro set./dez 2018. Epub 17-Maio-2019. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.36200>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: https://brasil.un.org/sites/default/files/2025-03/ONU_DireitosHumanos_DUDH_UNICRio_20250310.pdf. Acesso em: 22 mar. 2026.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Sobre a organização curricular da Educação Infantil: conversas com professoras a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Zero-a-Seis**, v. 19, n. 35 p. 46 - 68, jan-jun 2017. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2017v19n35p46>

OSTETTO, Luciana Esmeralda; SILVA, Greice Duarte de Brito. Formação docente, Educação Infantil e arte: entre faltas, necessidades e desejos. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v.15, n.41, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20180077>

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, v.14, n.1, p. 57-76 jan./abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2019v14n1p57-76>

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancellari; VIEIRA, Livia Maria Fraga. **Dicionário trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

PINTO, Amanda Lobosco. **Professoras, crianças e natureza**: narrativas docentes da/na pandemia. 2023. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/32529>

SILVA, Greice Duarte de Brito. **De dentro pra fora, de fora pra dentro**: itinerários de formação estética de professoras da educação infantil. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15206>

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

MATERNIDADE E (TRANS)FORMAÇÃO NO ENCONTRO COM A POTÊNCIA DA INFÂNCIA: REMINISCÊNCIAS, NARRATIVAS E REFLEXÕES

Maternity and (trans)formation in encountering the power of childhood: reminiscences, narratives and reflections

Graziela Ferreira de Mello

Mestra em Educação

Doutoranda em Educação

Universidade Federal Fluminense

Programa de Pós-graduação em Educação

Niterói, Brasil

mellograzi1@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9478-9599>

Luciana Esmeralda Ostetto

Doutora em Educação

Universidade Federal Fluminense

Programa de Pós-graduação em Educação

Niterói, Brasil

lucianaostetto@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-1948-5090>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Nova Iguaçu, nº 187, casa 3, Trindade, CEP: 24456410, São Gonçalo, RJ, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento da autora Graziela Mello: à minha filha Duda, por me fazer enxergar as bonitezas do mundo novamente; com ela sigo pesquisando, refletindo e me encantando como mundo. À minha orientadora Luciana Ostetto, por ver e acreditar na potência desses encontros provocados pelo maternar, que reverberou não só pelo meu corpo, como transbordou para minha pesquisa de doutoramento e para a produção desse artigo.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: L. E. Ostetto, G. F. de Mello

Coleta de dados: G. F. de Mello

Análise de dados: G. F. de Mello, L. E. Ostetto

Discussão dos resultados: G. F. de Mello, L. E. Ostetto

Revisão e aprovação: L. E. Ostetto, G. F. de Mello

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO

Recebido em: 26-03-2026 – Aprovado em: 07-05-2026 – Publicado em: 12-10-2026